

GÍRIAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E SEUS CONTEXTOS DE USO *SLANG EXPRESSIONS IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AND ITS CONTEXTS OF USE*

*Cristiano Pimentel Cruz*¹

*Bruno Gonçalves Carneiro*²

*Karylleila dos Santos Andrade*³

RESUMO

Este artigo é uma pesquisa sobre o uso de gírias por um grupo de surdos, na cidade de Palmas - TO, que interage através da rede social *WhatsApp*. Nesta pesquisa, fizemos o levantamento de dezenove gírias e descrevemos o perfil dos participantes, as regras de manutenção do grupo e o processo de criação dos sinais. O suporte teórico e metodológico utilizado para este estudo foi dos autores Preti (2000a; 2000b; 2003; 2013) e Murata (2008), sobre as gírias enquanto prática de linguagem de resistência, oposição e proteção. No grupo, a troca de informações acontece em libras (vídeo) e não há participação de ouvintes. Segundo os participantes, as gírias surgem como formas: (i) de entretenimento e humor, em um ambiente em que estão à vontade em relação à língua e aos temas abordados, (ii) de resistência, numa oposição às experiências negativas frente à sociedade majoritária e (iii) de proteção e sigilo, frente aos ouvintes sinalizantes e a outros surdos membros da comunidade surda. As gírias são categorizadas em: (i) sinais inéditos, (ii) sinais com parâmetros modificados (configuração de mão) para expressar intensidade, (iii) sinais com parâmetros modificados (orientação da palma) para indicar ironia e (iv) sinais com parâmetros modificados (ponto de articulação) para evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais. Os resultados da pesquisa também indicam que o processo de criação das gírias envolve a lexicalização de ações gestuais, originando sinais altamente icônicos, e a alteração de unidades sub-lexicais, caracterizando os parâmetros como fonomorfemas.

PALAVRAS-CHAVE: Gírias; Resistência; Vocabulário de grupo; Palmas-TO.

ABSTRACT

This article presents research about use of slang by a group of deaf people in the city of Palmas, Tocantins, who interact through the social network *WhatsApp*. In this research, we surveyed nineteen slang terms and described the profile of the participants, the rules for maintaining the group and the process of creating these signs. The theoretical and methodological support used for this study was from the authors Preti (2000a; 2000b; 2003; 2013) and Murata (2008), about slang as a language of resistance, opposition and protection. In the group, the exchange of information takes place in libras (video) and there is no participation by hearing participants. According to the participants, slang appears as forms (i) of entertainment and humor, in an environment in which they are at ease in relation to the language and themes covered, (ii) resistance, in opposition to the negative experiences facing the majority society and (iii) protection and confidentiality, in front of signing hearing and other deaf members in the deaf community. Slang expressions are categorized into (i) new signs, (ii) signs with modified parameters (hand configuration) to express intensity, (iii) signs with modified parameters (palm orientation) to indicate irony and (iv) signs with modified parameters (point of articulation) to highlight the gestural-visual modality of sign languages. The survey results also indicate that the process of creating slang signs involves the lexicalization of gestural actions, giving rise to highly iconic signs, and involves changing sub-lexical units, characterizing the parameters as phono-morphemes.

KEYWORDS: Slangs. Resistance. Group vocabulary. Palmas (Tocantins).

1 Mestre em Letras pela UFT. Professor da UFT, no curso de Letras-Libras. Contato: cristiano.pimentel@uft.edu.br

2 Doutor em Letras e Linguística pela UFG. Professor da UFT, no curso de Letras-Libras e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Contato: brunocarneiro@uft.edu.br

3 Doutora em Linguística pela USP. Professora da UFT, no curso de Teatro, no Programa de Pós-graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura. Contato: karylleila@uft.edu.br

1. Introdução

O presente artigo é um estudo qualitativo, com características etnográficas, que faz um levantamento das gírias utilizadas por um grupo de surdos na cidade de Palmas – TO. Para isso, um pesquisador surdo realiza um trabalho de campo e interage com os envolvidos, seguindo as normas deste grupo social. Na pesquisa, especificamente, há um enfoque nas interações via *WhatsApp* a fim de identificarmos o uso de sinais caracterizados como gírias, suas motivações e contextos de uso. A coleta de dados envolve a observação das interações entre os sujeitos, a partir da troca de vídeos em libras, e entrevistas individuais com os membros do grupo. A pesquisa também traz algumas características de manutenção e interação do grupo, apresentados de maneira sucinta neste artigo⁴.

Assim, neste artigo, objetivamos descrever o uso de gírias, as quais correspondem àqueles sinais usados com a intenção de fazer “segredo”, “humor”, ou, ainda, com o intuito de destacar-se dos outros, criando uma linguagem específica de grupo. A descrição de gírias para os estudos linguísticos da libras é de grande importância, uma vez que permite evidenciar aspectos da cultura surda e das variantes lexicais inerentes a qualquer língua.

Este estudo também pode oferecer uma melhor compreensão acerca de como se dá a relação entre língua, cultura e identidades de surdos. O entendimento de como grupos sociais se manifestam através da libras, em contextos específicos, pode gerar reflexões oportunas sobre os diferentes níveis de registro, com desdobramentos práticos sobre o ensino de libras e outras ações aplicadas que envolvem a cultura surda e a língua de sinais. Ressaltamos que esta pesquisa é liderada e conduzida por um pesquisador surdo.

O presente artigo apresenta quatro seções. Na primeira seção, trazemos os conceitos de gíria, o contexto de sua emergência e suas funções enquanto vocabulário de grupo. Na segunda seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho. Na terceira seção, apresentamos as normas de manutenção do grupo e algumas regras e princípios de interação entre os sujeitos da pesquisa. Por fim, na quarta seção, categorizamos as gírias em libras e discutimos os processos de criação desses sinais.

4 Esta pesquisa é parte de um projeto maior, intitulado *Língua Brasileira de Sinais e a Educação de Surdos sob a Perspectiva Bilíngue e Decolonial*, coordenado pelo Dr. Carlos Roberto Ludwig, da Universidade Federal do Tocantins. O projeto está aprovado pelo Comitê de Ética da UFT/ Plataforma Brasil, sob o Parecer Consubstanciado do CEP – Número 02647618.4.0000.5519

2. As gírias enquanto vocabulário de grupo: breves considerações

De acordo com Preti (2003), as diferentes manifestações da vida em sociedade, atreladas à nossa capacidade criativa de interação e comunicação, fazem com que a língua se configure a partir das demandas de seus falantes, das transformações sociais e de características extralinguísticas. Essas características, por sua vez, influenciam a dinâmica de uso da língua e estão diretamente relacionadas à localidade, ao falante e à situação de fala. Por isso, as línguas variam em todos os níveis, sendo mais evidente no léxico.

As variações linguísticas relacionadas à localidade estão atreladas a determinadas áreas geográficas e podem ser entendidas como distribuídas em um plano horizontal, em que diferentes falares, pontuados geograficamente, estão permeados por uma linguagem comum compreendida pelas comunidades regionais. As variações vinculadas ao falante e à situação de uso podem ser consideradas socioculturais e acontecem em qualquer comunidade de fala, independente da localidade geográfica. No primeiro caso, características do falante estão ligadas à idade, sexo, profissão, posição social, escolaridade, dentre outras. As variedades relacionadas à situação envolvem circunstâncias criadas durante a interação, ou ainda, no lugar em que o ato discursivo se materializa e pelas relações entre os interlocutores. A situação gera dois níveis de níveis de registro: formal e informal.

No registro formal, há predominância de um vocabulário mais técnico e um comportamento mais tenso, refletido e controlado. No registro informal, há uma intimidade maior entre os falantes e o uso de um vocabulário mais popular e com gírias. Os limites entre o registro formal e o informal são fluidos e indefinidos.

Preti (2003) também pontua que, a partir das variáveis geográficas e socioculturais, é possível observarmos o surgimento de duas variantes sociais distintas, com características específicas. Uma delas tem maior prestígio e é usada em situações de maior formalidade, enquanto que a outra apresenta menor prestígio e é usada em situações de menor formalidade. Ainda segundo o autor, a variante de prestígio, em geral, é considerada culta e, ainda, como se fosse a única possibilidade de uso da língua, ou seja, aquela que todos devem alcançar. Normalmente, essa variante serve às intenções do ensino, com o objetivo também de normatizar a língua. A variante de menor prestígio é considerada uma versão “deturpada” da primeira, usada por aqueles que “não sabem a língua”.

A variante de prestígio tende a caminhar por um eixo mais normativo-padrão, vinculada à escola e à linguagem escrita, caracterizando, assim, um estilo mais conservador da língua. Enquanto que a variante popular é mais aberta às transformações da língua, a partir da oralidade. Entretanto, a

distinção entre essas duas variantes também envolve uma questão imprecisa. Há também uma relação direta e de equivalência entre a variante culta e a popular, com os níveis de registro formal e informal da língua, respectivamente.

Em relação às gírias, elas constituem marcas de grupos sociais e, junto com outros artefatos, reforçam a consciência de integração do grupo, as características de seus integrantes e sua distinção na sociedade. Nesse sentido, a língua pode ser considerada como uma das formas de comportamento no conjunto de atividades culturais praticadas pelo grupo. Afinal, indivíduos que possuem estreitos laços de convívio, relações de maior intimidade e, conseqüentemente, modos de falar semelhante, se distinguem de outros indivíduos. É neste contexto que as gírias surgem (PRETI, 2000a; 2000b; 2003; 2013; RECTOR, 1975).

Dessa maneira, as gírias são unidades linguísticas que caracterizam um grupo social e são usadas pelos seus membros com a intenção de se distinguirem dos demais sujeitos. Trata-se de uma linguagem secreta e de oposição, sendo uma importante estratégia para expressar crítica, ironia, desprezo e/ou humor. Segundo Petri (1984), as gírias são caracterizadas pela dissimulação e pelo desrespeito intencional às normas estabelecidas, daí serem consideradas um dos instrumentos de luta, reivindicação e uma forma de o grupo extravasar sua revolta e frustração em relação às injustiças sociais e a tudo que remete aos valores estabelecidos pela tradição.

E não é por casualidade que sua origem está ligada aos grupos marginais, aos grupos jovens ou até adolescentes, aos grupos estudantis, ou a todos os grupos desejosos de marcar sua oposição (quando não, sua hostilidade) em relação aos comportamentos sociais padronizados. (PRETI, 2000a, p. 2018).

As gírias têm uma relação com a visão de mundo dos falantes e expressam, de alguma forma, o mundo em que vivem. Dessa forma, o estudo das gírias pode contribuir para o conhecimento de algumas facetas da cultura popular e da vida marginal, especificamente quando se referem a grupos sociais fechados (PRETI, 2000b).

Preti (2013) divide as gírias em dois tipos: gírias de grupo e gírias comuns. No primeiro caso, as gírias dizem respeito ao vocabulário específico de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria. Esse vocabulário pode ser proveniente de um grupo inusitado ou de um grupo de conflito, a depender da relação que o grupo estabelece com a sociedade. Um grupo inusitado se refere, por exemplo, a jovens ligados aos esportes, música, pontos de encontro, etc. Enquanto que um grupo conflituoso pode estar vinculado, por exemplo, a grupos comprometidos com a violência, tráfico, contrabando, etc. Aqui, há uma necessidade de preservar a segurança, por meio de um código

sigiloso que lhes permite, por exemplo, identificar imediatamente os opositores.

O filme *Cidade de Deus*, dirigido por Fernando Meireles (2002), apresenta a realidade de uma comunidade que vive diante do tráfico de drogas, na cidade do Rio de Janeiro, no começo dos anos de 1980. No filme, os personagens apresentam uma série de gírias de grupo, relacionadas ao mundo do tráfico. Na oportunidade, mencionamos as palavras “endolação”, “dola”, “aviãozinho”, “olheiro”, “vapor” e “soldado”. Essas gírias foram retiradas de um trecho do filme, transcrito a seguir.

Vender droga é um negócio como qualquer outro. O favorecedor entrega o peso e no cafofo é feito a **endolação**. O trabalho de endolação é a linha de montagem do tráfico. A maconha é embalada num pacotinho chamado **dola**. A cocaína é embalada em papelote. [...]. O tráfico tem até plano de carreira. Os garotos menores começam a trabalhar com **aviãozinho**, recebem uma boa grana para levar e trazer refrigerante, os recados, esse tipo de coisa. Depois, eles passam para **olheiro**, quando a polícia aparece, a pipa desce do céu e todo mundo sai saindo. De **olheiro** o cara passa a **vapor**, vendendo a droga na favela. Pintou sujeira, o vapor tem que evaporar rapidinho. **Soldado** é um cargo mais responsa. Ele fica na contenção. Se o cara for esperto e bom de conta, pode virar gerente da boca. O gerente é o braço direito do patrão. A polícia também faz sua parte. Recebe a dela e não perturba. Trecho do Filme Cidade de Deus (Globo Filmes, 2002) (Grifo nosso).

Quando grupos sociais restritos disseminam as marcas específicas de sua linguagem, as gírias deixam de pertencer ao grupo e passam a pertencer à sociedade. Neste caso, as gírias são incorporadas à fala popular, tornando-se gírias comuns. É importante ressaltarmos que o caráter secreto da gíria, enquanto signo de grupo, é efêmero, uma vez que os meios de comunicação em massa promovem, dia a dia, um alcance cada vez maior de informações e fazem com que essas gírias de grupo desapareçam ou adquiram um novo status (MURATA, 2008; PRETI, 2000a; 2000b; 2013).

Devido a esse caráter efêmero das gírias de grupo, o interesse na elaboração de dicionários especializados é pequeno (PRETI, 2000a). Em geral, quando uma gíria chega a ser dicionarizada, o vocábulo perdeu a condição de gíria de grupo e passou a ser incorporado no léxico popular, como uma gíria comum.

Em relação às gírias em libras, mencionamos o trabalho de Silva (2015). O autor faz um levantamento de gírias comuns na cidade de Natal – RN e utiliza como um dos critérios o fato de esses sinais não serem dicionarizados⁵, como corpus de exclusão. Um exemplo apresentado pelo autor, para ilustrar esse critério, é o sinal “PARE COM ISSO!”. A primeira imagem se refere à forma dicionarizada, enquanto que a segunda imagem à forma não dicionarizada (gíria).

5 O autor se baseou no dicionário Deit-Libras (CAPOVILLA et al, 2009).

Fig. 1: Gíria “PARE COM ISSO!!”



Fonte: Silva (2015, p. 146-147).

Outro critério utilizado pelo autor é a alteração de alguns dos parâmetros do sinal. O sinal PRESUMIR, por exemplo, dicionarizado como um sinal bimanual (em que a mão dominante se movimenta a partir do ponto de articulação localizado na região temporal da cabeça para fazer contato com a ponta dos dedos da mão não dominante, no espaço neutro), passa a ser monomanual e sem o contato na cabeça, ou seja, é articulado no espaço neutro.

Fig. 2: Gíria “PRESUMIR”



Fonte: Silva (2015, p. 151).

Outra gíria mencionada pelo autor é intitulada EVITAR. O sinal EVITAR dicionarizado é

descrito como um sinal monomanual, com a configuração de mão em Y, em que a extremidade do dedo polegar está em contato com a região temporal da cabeça. No caso da gíria EVITAR, o sinal é realizado no espaço neutro.

Fig. 3: Gíria “EVITAR”



Fonte: Silva (2015, p. 139).

Silva (2015) argumenta que a gíria EVITAR, articulada no espaço neutro, é uma estratégia de articular o sinal fora do campo visual de possíveis interlocutores. Uma forma de manter o sinal e o discurso em sigilo, de acordo com a função das gírias (PRETTI, 1984; 2000a; 2000b). O autor também traz os conceitos de gírias internas e gírias externas. No primeiro caso, as gírias internas seriam sinais usados pelos surdos com o objetivo de sigilo e de eufemismo. Para esses fins, nas palavras do autor, muitos sinais são articulados com alteração dos parâmetros. As gírias externas seriam sinais oriundos de empréstimo de gírias da língua portuguesa.

Diferentemente de Silva (2005), que fez um levantamento de gírias comuns, este artigo trabalha com gírias de grupo. Nas seções seguintes, apresentamos alguns dos procedimentos metodológicos da pesquisa, as normas de manutenção e de interação deste grupo social, e uma tipologia das gírias, a partir dos processos de criação.

3. Procedimentos metodológicos da pesquisa

O interesse por essa pesquisa surgiu a partir de conversas informais, quando o pesquisador responsável, surdo, percebeu que dois alunos surdos, do seu ciclo de convivência na Universidade Federal do Tocantins (UFT), usavam gírias. Na época, eles afirmaram que usavam esses sinais para fins de diversão e, sobretudo, como um estímulo à criatividade. Posteriormente, um dos surdos

mostrou alguns dos vídeos que circulavam em um grupo de *WhatsApp*, ao qual ele pertence. Os vídeos continham sinais desconhecidos, o que despertou, ainda mais, o interesse de pesquisar sobre o tema.

O pesquisador perguntou se poderia participar do grupo e um dos integrantes afirmou que precisava consultar os outros membros. Após alguns meses de contato com os membros, de maneira mais próxima com aqueles que eram estudantes na UFT, o pesquisador solicitou novamente para participar do grupo. Desde o contato inicial, ele percebeu que estava sendo avaliado. O grupo, de alguma maneira, verificava se o pesquisador atendia o perfil e as regras das interações que aconteciam via *WhatsApp*, de maneira mínima. O pesquisador explicou o seu interesse sobre as gírias e de entender sobre o processo de criação desses sinais. Os objetivos da pesquisa, do sigilo e da confidencialidade dos dados, tanto dos integrantes quanto das conversas coletadas, foram explicados. Somente, então, os sujeitos aceitaram e incluíram o pesquisador no grupo.

O grupo de *WhatsApp* existe desde 2017 e é composto por cinco integrantes surdos, acrescido do pesquisador, também surdo, totalizando seis participantes. Os cinco integrantes já se conheciam, antes mesmo do uso dessa rede social, e se encontravam regularmente para uma conversa descontraída. O grupo é formado por pessoas que têm certa intimidade e confiança.

A partir do seu envolvimento com o grupo, o pesquisador adentrou em um mundo diferente, devido ao uso intenso de gírias. Agora, com um olhar de dentro, percebe que outras pessoas veem o uso de gírias pelos membros do grupo com certa desconfiança, como se fosse um segredo que o grupo mantém. O caráter de sigilo do grupo e das gírias tem uma motivação, que agora passa a ser descortinada. Após a sua entrada, havia também o desafio da sua permanência no grupo. Ele não poderia apenas observar as interações que aconteciam. Precisaria participar ativamente do grupo, comentando sobre os assuntos que circulavam, com a produção de vídeos. Essa é uma regra que vale para todos os membros. A não participação acarreta em expulsão do grupo. Alguns dos temas recorrentes eram ouvintismo, violência e sexualidade, através de humor, de ironia e de agressividade.

Consideramos que há uma cultura e valores específicos que perpassam pelos integrantes do grupo. Há uma visão de mundo que constitui a diferença desse coletivo, que fundamenta a emergência e a circulação de um registro específico da libras. O ingresso, nesse grupo, é compreendido como uma imersão em um mundo diferente, específico, no mundo do outro, em que há experiências e valores próprios do coletivo, que sustentam essa rede de interação e a criação das gírias.

Uma pesquisa de caráter etnográfico pode envolver diferentes modos de observação-par-

participante, desde uma participação passiva, em que o pesquisador tenta ser o menos intrusivo possível, até situações em que há uma interação maior com a comunidade (DURANTI, 1997). Conforme mencionado, a manutenção do pesquisador no grupo de *WhatsApp* exigiu uma participação mais ativa. Essa imersão, ao mesmo tempo, foi conduzida com a preocupação de não interferir na rotina do grupo, para que fosse possível entender as regras, os costumes e as convenções que governam a vida do grupo.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas para entender a visão dos participantes sobre o grupo e o uso das gírias. Dos cinco integrantes, apenas um se recusou a participar da entrevista. As entrevistas foram conduzidas em forma de diálogo, em língua de sinais, com duração de aproximadamente 20 minutos cada. A sequência de perguntas aconteceu de maneira descontraída, com o entrevistador ao lado do entrevistado. Neste caso, tanto o entrevistador quanto o entrevistado foram gravados em um mesmo quadrante.

Todos os entrevistados estavam cientes dos objetivos da entrevista e, mais especificamente, da coleta de dados. Para isso, houve um momento prévio de esclarecimento sobre os propósitos da entrevista, das possíveis contribuições deste estudo e de sua relevância para a língua de sinais brasileira. Os entrevistados estiveram livres para sanar suas possíveis dúvidas sobre os procedimentos e também foram esclarecidos sobre o direito de recusar em participar da entrevista, a qualquer momento.

As entrevistas foram armazenadas em arquivos de vídeos e, durante a análise, estivemos atentos ao perfil sociolinguístico dos entrevistados, a motivação para a criação e manutenção do grupo de *WhatsApp*, bem como as regras e princípios de interação entre os sujeitos. Os trechos das entrevistas que faziam menção a esses assuntos, foram traduzidos para a língua portuguesa.

Para a descrição e categorização das gírias, elaboramos uma ficha catalográfica que envolveu os seguintes itens: (i) apresentação do sinal, com imagem, link de acesso ao vídeo na Plataforma *YouTube* e escrita de sinais, (ii) descrição do sinal em relação aos parâmetros, (iii) significado, (iv) contexto de uso, (v) exemplo de enunciado, com link de acesso ao vídeo, (vi) nome do pesquisador responsável pela coleta e (vii) o participante do grupo que fez a validação.

Durante a pesquisa, foram catalogados dezenove sinais-gírias. Estes sinais são considerados gírias por serem vocabulários de grupo, criados com fins específicos de entretenimento, sigilo e proteção, e não são dicionarizados, considerado aqui corpus de exclusão. Para suporte nesta empreitada, baseamo-nos no dicionário Deit-Libras (CAPOVILLA et al, 2009) e no dicionário do INES.

4. Normas de manutenção e de interação no grupo de *WhatsApp*

O grupo de *WhatsApp* se intitula “Surdos tocantinenses gírias mala (STGM)” e surgiu por iniciativa de amigos, com o objetivo de criar um ambiente de conforto linguístico e cultural, em que todas as informações circulam em língua de sinais. A interação no grupo acontece por meio da troca de vídeos em libras. As mensagens em português são raras, de maneira que a circulação de informações em libras (vídeos) prevalece. A partir das entrevistas, percebemos que a interação em libras é uma escolha consciente, como uma forma de prestigiar a língua de sinais e a cultura surda diante da relação de poder que existe entre surdos e ouvintes.

De acordo com Perlin (2003; 2005), os surdos continuam insistindo por um espaço onde possam desfrutar de sua diferença. Segundo a autora, os surdos possuem um desejo constante de vir a ser povo⁶, a partir da diferença surda, o que envolve uma autenticidade em ser surdo. Ainda segundo a autora, os surdos fazem parte de movimentos marginalizados, sendo que qualquer comportamento negativo de sua parte pode provocar distorções e estereótipos dentro de uma situação de dominação. Por isso, a necessidade de espaços em que os surdos possam assumir a sua diferença e contrapor a hegemonia discriminatória que emerge dessa relação de poder, marcada pelo ouvinte e pela língua oral que, neste contexto, é representado pela língua portuguesa.

A história dos surdos, especificamente a dos surdos do grupo, é marcada por experiências negativas diante de práticas ouvintistas. Nos depoimentos, há referência a situações de constrangimento, proveniente de barreiras de comunicação e preconceito linguístico:

Em Araguaína eu já participei de um grupo de *WhatsApp* com amigos ouvintes. Eu era o único surdo. A interação neste grupo era exclusivamente em língua portuguesa. Várias vezes, muitos dos integrantes me chamavam de burro. Eu acabei me fechando muito. Por isso, eu sempre tive vontade de participar de um grupo em que realmente me sentisse à vontade. Um grupo composto de surdos, em que poderíamos interagir e compartilhar experiências a partir de nossa diferença, em que todos os integrantes estivessem conectados em uma relação de proximidade. Nós surdos sempre passamos por muitas barreiras de comunicação. Quero dizer que a maioria dos ouvintes são pessoas ótimas para interagir. Mas neste grupo que mencionei inicialmente, como as postagens só aconteciam em língua portuguesa, eu não participava efetivamente. Era muito difícil. (Trecho da entrevista do participante A).

A existência do grupo “Surdos tocantinenses gírias mala” evidencia a necessidade por espaços em que a diferença surda esteja em primeiro plano. Nesses locais, alicerçados na cultura surda,

6 Strobel (2008) faz uma distinção entre **Comunidade Surda** e **Povo Surdo**. A comunidade surda envolve surdos e ouvintes, tais como intérpretes de libras, familiares de surdos e outros, todos envolvidos com interesses em comum relacionados aos surdos. O povo surdo envolve apenas pessoas surdas, vinculados entre si através da língua de sinais, das identidades e da cultura surda.

os surdos estão diante de um reagrupamento, em torno de uma série de conteúdos e de temas que envolvem os surdos, ou ainda, que envolvem grupos específicos. São locais em que há um cuidado pelo outro (surdo), a partir de sua alteridade. Nas palavras de Perlin (2014, p. 225), representa “um ponto de encontro de nós surdos, em torno de nosso pulsamento”.

Conforme verificamos nos depoimentos, a partir das entrevistas, os surdos do grupo de *WhatsApp* possuem liberdade e autonomia de manifestação, a partir de uma zona de conforto linguístico e cultural:

A interação entre meus amigos do grupo me traz bastante satisfação. É muito bom participar do grupo. Fico muito animado e me divirto muito com o bate papo que rola entre a gente. O grupo me proporciona um conforto na minha língua. No grupo não há uso da língua portuguesa. Aliás, não há nada em português. E também não há regras no grupo, no sentido de haver normas que sugerem um bom comportamento. Todo mundo ali é livre para postar o que quiser, por mais pesado que o conteúdo possa parecer. (Trecho da entrevista do participante D).

Cada um é livre para se expressar. Estamos todos muito à vontade. (...) É a nossa língua, com a nossa diferença, com as nossas gírias. Estamos usando a nossa primeira língua. Interagimos, trocamos informações e nos divertimos de maneira intensa. (trecho da entrevista do participante A).

O choque cultural entre surdos e ouvintes é inevitável. As identidades e a cultura das pessoas surdas são complexas, pois, frequentemente, nos centros urbanos, os surdos vivem num ambiente bilíngue, multicultural e de poder de uma língua oral sobre a língua de sinais. As pessoas surdas também fazem parte de um grupo que experiencia a realidade a partir da diferença surda que abrange as culturas nacionais partilhadas com as pessoas ouvintes de seu país. A experiência do contato com o outro diferente é sempre oportuna e provoca no sujeito uma mudança de si. Mas a relação entre surdos e ouvintes ainda é marcada por uma experiência colonial da surdez. O ser surdo sendo o outro do ouvinte ainda é visto como um ser inferior, anormal e deficiente, que aos poucos cede lugar para um ser surdo que se constitui na diferença surda (PERLIN; QUADROS, 2006; QUADROS; SUTTON-SPENCE, 2006).

De acordo com Perlin e Quadros (2006), as representações sobre o ser ouvinte, presentes nas narrativas de pessoas surdas, envolvem aqueles ouvintes que querem convencer os surdos de que suas experiências (enquanto pessoas ouvintes) são fundamentais para os surdos. Nesse movimento, querem trazer o surdo para sua religião, sua música, sua língua e sua oralidade. Nessa concepção, o que representa sucesso e o que se entende por desenvolvimento estão diretamente associados a ser ouvinte. Nessa lógica, os surdos devem ser ouvintes.

Os ouvintes indiferentes são aqueles que desconhecem os surdos e, quando envolvidos com surdos, estão por razões não relacionadas com as perspectivas surdas. Aqui estão incluídos aqueles com uma perspectiva clínico-terapêutica e que tem ganhos profissionais com isso. A visão sobre o “ser surdo” está associada com incapacidade, incompetência e impossibilidade, dentro de uma concepção com base na normalidade ouvinte. Há também aqueles ouvintes que fazem tudo pelo surdo, com o objetivo de se promoverem. Abrem espaços para os surdos, mas não incentivam os surdos, pois continuam sendo o centro, os fazedores de tudo. Como consequência, temos surdos acomodados e ouvintes que se acham superiores aos surdos.

Por fim, há aqueles que admitem a alteridade, a diferença de “ser surdo”. Junto a esses, os surdos estão alcançando mais espaços para uma produção simbólica da cultura surda e possibilidades maiores para sua legitimação linguístico-cultural como surdos. Esses ouvintes também entram na causa social surda, incentivando-os para uma política da diferença e para a conquista do seu espaço cultural. “As narrativas surdas prosseguem a respeito deles: são aqueles que nós surdos podemos dizer são dos nossos, têm nossa confiança, nosso respeito” (PERLIN; QUADROS, 2006, p. 182).

Os integrantes do grupo de *WhatsApp* evidenciam a tensão que existe entre esses dois universos culturais e, nesse sentido, observamos uma ideia de proteção do grupo. Há uma defesa de que a cultura surda se constitui independente da cultura ouvinte e da língua oral (língua portuguesa). Os ouvintes, por exemplo, são proibidos de ingressarem no grupo. Essa é uma regra que todos os entrevistados defendem:

O grupo é composto apenas por surdos, não há ouvintes. Os ouvintes não entendem a nossa sinalização e não conseguem acompanhar os nossos sinais. Entre nós surdos, a comunicação segue fluida e compreensível. Os ouvintes não conseguem captar o significado que está atrelado às nossas falas e acabam atrapalhando o objetivo do grupo porque, a todo instante, ficam questionando o significado de determinados sinais e o motivo do humor. Essas perguntas, feitas de maneira repetitiva e insistente, enchem muito o saco. Não há quem não fique desanimado com tanta pergunta. Eles não conseguem compreender aquilo que nos interessa e que gera humor entre os surdos. No contato entre surdos, há um nível de proximidade que não existe entre surdos e ouvintes. Entre nós surdos, é tudo mais fácil. A sinalização flui com naturalidade e o humor surge de maneira espontânea. Há mais proximidade entre nós. (Trecho da entrevista do participante D).

(...) os ouvintes não entendem nada do que nós sinalizamos. Mesmo os ouvintes que sabem a língua de sinais, que são usuários da libras, vão ficar boiando com as gírias. É um universo nosso em que eles não tem acesso. É a nossa língua, com a nossa diferença, com as nossas gírias. Estamos usando a nossa primeira língua. Interagimos e trocamos informações, nos divertimos de maneira intensa. (Trecho da entrevista do participante A).

Conforme mencionado, é proibida a entrada de pessoas ouvintes no grupo. Os depoimentos acima também reforçam que há aspectos da experiência de vida de pessoas surdas que os ouvintes não conseguem acessar. Isso reflete, por exemplo, na incompreensão, por parte dos ouvintes, de temas de interesse e de humor entre os surdos, bem como de artefatos culturais que circulam neste grupo em específico.

O processo de criação de gírias também evidencia o sentido de proteção em relação à influência da língua portuguesa sobre a libras. Essa proteção é uma atitude compartilhada pelo grupo e está presente nos depoimentos.

Nós usamos muito a iconicidade para criar os sinais. As gírias são convencionadas pelo grupo e são icônicas. O aspecto visual é muito presente. Não há nada de português. Português zero! A nossa capacidade inventiva, a criatividade na criação das gírias vem da língua de sinais, da visualidade. Não tem influência do português. Por exemplo, esses sinais (exemplos de sinais-gírias), você não percebe nenhuma influência da língua portuguesa. Há o uso de metáforas. Se uma pessoa está próxima e a gente não a conhece, nós passamos a usar gírias para manter a informação só entre a gente. As vezes isso desperta algum interesse, alguma curiosidade. A gente explica o significado do sinal que passa a ser disseminado. (Trecho da entrevista do participante C).

As gírias são muito importantes. Elas são criadas a partir de um contexto e tem toda uma carga de significado que é compreendida e compartilhada pelo grupo. Essa criação utiliza aspectos das línguas de sinais, a partir do entendimento do grupo. Se formos analisar detalhadamente os parâmetros, há todo um processo de formação. Além disso, esses sinais transmitem humor, um orgulho pra nós. Por isso as gírias são importantes e precisam ser valorizadas porque surgem da interação entre os surdos do grupo. Essa criação, por exemplo, não tem nenhuma influência da língua portuguesa. Em nenhum momento nos sentimos pressionados para criar sinais a partir do português. As configurações de mão não são inicializadas. Os empréstimos do português não são necessários. O surdos conseguem criar sinais a partir da visualidade, da própria libras sem ter que recorrer ao português. Inclusive, sugiro que isso seja tema de pesquisa. Podia sair artigos sobre esse tema para ser divulgado. Por isso as gírias tem bastante valor. As gírias precisam ser valorizadas e não desprezadas. (Trecho da entrevista do participante B).

Conforme mencionado anteriormente, a existência do grupo cria um ambiente de conforto cultural e linguístico, por meio de uma ação de resistência numa oposição às experiências negativas diante do ouvintismo. O grupo também se constitui como uma minoria dentro da comunidade surda, pelos assuntos abordados em grupo. Um dos princípios de interação no grupo é que não há policiamento, restrição ou constrangimento no sentido de purismo, em relação aos temas e à forma de expressão. Essa forma de expressão se refere tanto ao uso da língua de sinais, em oposição à língua oral, quanto ao uso de gírias diante de outros sinalizantes (surdos e ouvintes):

As gírias são importantes porque permitem a interação através de uma forma de sinalizar totalmente diferente. É muito divertido e me deixa muito feliz, de verdade, interagir dessa forma com a libras. Me sinto orgulhoso da minha língua. Você se manter apático, sem interagir com outras pessoas não é desejo de ninguém. Isso não é bom. Com as gírias, eu também adquiro conhecimento. A interação com a libras me proporciona isso. A interação através das gírias me proporciona uma sensação de prazer e entretenimento que me deixa muito animado. Por isso, as gírias são importantes. (Trecho da entrevista do participante A).

Em Araguaína eu tinha um grupo de amigos. Nós interagíamos bastante mas não usávamos metáforas, nem gírias. Esse grupo era para troca de informação. Algo simples. Quando me mudei para Palmas, eu conheci o Fulano (Participante D). Até então, eu não o conhecia. Nos tornamos amigos e foi por iniciativa dele, a criação do grupo. A partir daí, o grupo começou a fazer postagens divertidas. Passamos a usar gírias, a fazer provocações, a fazer piadas, humor e isso passou a ser rotina no grupo. Não há formalidades, no grupo. Todos os integrantes são livres no sentido de que não há restrições. Cada um é livre para postar o que quiser. Não há acusação ou qualquer postura restritiva de nenhum membro do grupo. Por isso, somos livres para nos expressar. Isso é ótimo! (trecho da entrevista do participante B).

Os integrantes do grupo tem uma certa intimidade e também tem maturidade para esse nível de interação. Imagine colocar uma pessoa que vai, a todo momento, dizer que o sinal está errado, que os sinais de fulano são ruins, chamar alguém de burro ou algo pejorativo. Isso quebraria todo o clima de interação e união que há no grupo. Isso seria agressivo com o grupo e eu não gosto! (trecho da entrevista do participante B).

A intenção do grupo é que os sinais utilizados pelo grupo, em interação (corp)oral, sejam ininteligíveis. As gírias, mais uma vez, evidenciam o caráter de sigilo e são associadas a questões identitárias, a marcar o grupo como uma minoria dentro da comunidade surda. Dessa forma, as gírias podem ser consideradas código secreto e marcam este grupo de surdos:

[...] este é um grupo diferente. A interação acontece em língua de sinais de maneira divertida, animada. E também nos posicionamos para evitar que as pessoas nos acusem ou falem da gente a partir dos assuntos que nós abordamos. As vezes estamos falando de algum acontecimento que pode nos comprometer. Então continuamos a conversar naturalmente, com o uso das gírias de forma que as pessoas não percebam do que estamos conversando. (Trecho da entrevista do participante C).

Esse sigilo também é um critério utilizado para a entrada de novos integrantes. Conforme mencionado anteriormente, o grupo não permite a participação de pessoas ouvintes. Mas, entre os surdos, há um controle rigoroso para a entrada de novos participantes. Um dos requisitos para o ingresso no grupo é a garantia de sigilo sobre os assuntos que circulam no grupo, além de lealdade:

O que define o grupo é a liberdade de expressão, sem pudor, sem querer ser certinho ou formal. Somos livres no grupo e nos divertimos bastante. Isso pode passar a impressão de que lidamos com algo sigiloso. Mas não queremos qualquer um entrando no grupo. Primeiro precisamos conhecer a pessoa, ter um certo nível de intimidade e amizade, saber se tem espontaneidade, uma fala direta e autêntica, aí sim, ela pode entrar no grupo. Colocar uma pessoa que a gente não conhece não vai dar certo. É preciso conhecer a pessoa primeiro. A pessoa que vê as gírias e tem contato com o grupo, ainda assim, não tem noção daquilo que perpassa pelo grupo, dos nossos acordos e da nossa forma de interação. Afinal, os integrantes do grupo já conhecem. (Trecho da entrevista do participante B).

Se um surdo quer entrar, primeiro precisa haver um acordo entre os membros do grupo, se concordam com a entrada de um novo integrante. Essa pessoa precisa respeitar as regras do grupo. No grupo, a gente fica bem à vontade com o tipo de zoação entre nós mesmos. Uma pessoa que queira participar precisa acompanhar nosso ritmo. Não pode ficar parado, sem participar. E nesse ritmo de interação, a partir dos temas que vão surgindo, a gente vai criando novos sinais e utilizando esse vocabulário entre nós. (Trecho de depoimento do participante D)

Não é qualquer surdo que pode entrar no grupo. Nós do grupo precisamos conhecer bem a pessoa, e ter a certeza de que essa pessoa vai garantir sigilo e não vai espalhar os assuntos que circulam no grupo. (Trecho de depoimento do participante D).

Ainda assim, para os entrevistados, a noção de sigilo das gírias diante de surdos e diante de ouvintes parece ser diferente.

No caso dos surdos não há sigilo. É importante a interação entre surdos. Como as gírias são em nossa língua, a libras, é importante interagir com outros surdos para eles terem acesso a essa forma de sinalização. (Trecho da entrevista do participante A).

De acordo com esse depoimento, é interesse do grupo que essas gírias, inicialmente gírias de grupo, se tornem gírias comuns e passem a circular amplamente entre os surdos. Entretanto, parece haver um interesse que essas mesmas gírias continuem sendo sigilosas diante de pessoas ouvintes. Dessa forma, sugerimos que essas gírias possuem um status diferente diante de surdos e diante de ouvintes.

5. A tipologia das gírias do grupo: resultados da pesquisa

As gírias foram categorizadas em: (i) sinais inéditos criados pelo grupo, (ii) sinais com parâmetros modificados (configuração de mão) para expressar intensidade, (iii) sinais com parâmetros modificados (orientação da palma) para expressar ironia e (iv) sinais com parâmetros modificados (ponto de articulação) para evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais.

Na primeira categoria, sinais inéditos, o processo de criação dessas gírias parece envolver a lexicalização de ações gestuais, originando sinais altamente icônicos. Neste caso, observamos uma

lexicalização atrelada à manipulação de objetos, mimese do estado do referente, e de descrição geométrica. Sobre isso, Johnston e Schembri (1999) reconhecem a ação gestual como uma fonte importante de enriquecimento léxico-gramatical nas línguas de sinais e apresentam critérios que distinguem o momento em que tais performances se tornam lexemas, passando por construções semi-lexicalizadas. Liddell (2003) parece nomear estas construções de verbos descritivos. Tradicionalmente essas construções nas línguas de sinais são conhecidas por *classificadores*.

De acordo com Johnston e Schembri (1999), um lexema em língua de sinais é definido como um sinal que possui uma forma de citação claramente identificável, replicável e regularmente associada a um significado que, por sua vez, é imprevisível e/ou um pouco mais específico do que as construções que apresentam uma semântica componencial. Os lexemas também apresentam restrições fonológicas e atendem a critérios de boa formação. Diferentemente, as construções semi-lexicalizadas são idiossincráticas, com um forte caráter icônico, altamente dependente do contexto e que tendem à lexicalização (JOHNSTON; SCHEMBRI, 1999, ZESHAN, 2003a, 2003b).

A partir de situações que demandam o uso de gestos de maneira contínua, há uma mudança na complexidade de representação pictórica (altamente icônico). Em um processo diacrônico, essas representações se tornam mais simplificadas e sistematizadas, pelo resultado de economia da ação, mesmo mantendo algumas características originais (ZESHAN, 2003b). Nesse sentido, a ação gestual é considerada uma fonte importante para a ampliação lexical nas línguas de sinais.

De acordo com Zeshan (2003b), nos sinais lexicais, os parâmetros são vistos apenas como fonemas e a forma do sinal se torna fixa e menos idiossincrática. Mudanças na manifestação do sinal não alteram o significado. Neste caso, a variação é considerada alofônica. Em uma perspectiva semântica, o significado dos sinais lexicais se distancia de uma leitura literal, apesar de poder ser reconstruída em certas condições. A semântica composicional é perdida e o sinal deixa de ser analisado a partir de seus componentes. O significado do sinal lexical é relativamente independente do contexto e os parâmetros como um todo formam o significado. Do ponto de vista sintático, os sinais podem funcionar como predicados ou argumentos. Isso faz com que nomes e verbos possuam a mesma forma fonológica, cuja função é definida pela posição sintática.

Em construções semi-lexicais que remetem a formas geométricas, as mãos podem assumir uma vastidão de possibilidades, a partir de propriedades físicas do referente. As mãos podem se movimentar ou permanecer no espaço de sinalização para representar um esboço visual do referente, ou ainda, representar o referente em si (LIDDELL, 2003, ZESHAN, 2003b).

Os dados apresentados, a seguir, são resultados da coleta, descrição e análise do *corpus* proveniente dos vídeos do grupo de *WhatsApp*. A gíria, a seguir, cujo significado é maldade, parece ser oriunda dessa construção icônica que remete a um esboço visual do referente. Este sinal, especificamente, remete à imagem visual do personagem principal do filme *Coringa* (DC Films, 2019), também ilustrado a seguir.

Fig. 4: Gíria oriunda de descrição da imagem visual do referente



Fonte: Elaboração própria

A primeira unidade do sinal é bimanual, simétrica, em que as duas mãos estão em suspensão e articuladas com a configuração de mão em B, ou seja, o polegar está fletido sobre a palma da mão, enquanto os demais dedos estão estendidos e aduzidos. As palmas das mãos estão voltadas para baixo, mas ligeiramente inclinadas para lateral. Há um movimento simultâneo de afastamento das mãos, através de um deslocamento para lateral. Na segunda unidade, as mãos estão em garra, fazendo contato com as bochechas, segurando-as. Há um componente não manual, em que a face configura-se com um sorriso exagerado. O significado deste sinal é maldade e, prototipicamente, é usado para atribuir tal característica a um referente.

Fig. 5: Imagem visual do personagem principal do filme *Coringa*



Fonte: < <https://cinepop.com.br/coringa-e-eleito-o-filme-mais-perigoso-de-2019-e-nao-e-por-cao-do-conteudo-entenda-239029/> > Acessado em 19 de março de 2019.

Sugerimos também a lexicalização de ações a partir da manipulação de objetos. Neste caso, estes

sinais parecem ser oriundos de construções cuja configuração de mão e movimento estão de acordo com o tipo de objeto manipulado e simulam seu uso no mundo real. Segundo Zeshan (2003b), a escolha da configuração de mão, nessas construções, seria improvisada. Ou seja, qualquer configuração que uma pessoa use para a ação (no mundo real) pode ser usada para descrever a situação correspondente. Em uma perspectiva mais ampla, considerando o corpo do sinalizante como um todo, Liddell (2003) descreve essas construções a partir do Espaço Sub-rogado⁷, em que o sinalizante mimetiza as ações de um referente.

A gíria, a seguir, cujo significado é fazer sexo, parece ser oriunda de uma construção mimética em que o sinalizante incorpora um personagem e simula a concepção da ação no mundo real. Neste caso, o sinal remete a uma pessoa fazendo sexo com uma parceira em posição quadrúpede.

Fig. 6: Gíria oriunda da mimese da ação de um referente



Fonte: Elaboração própria

O sinal acima é bimanual, simétrico, em que as mãos estão abertas, os dedos estão estendidos e as palmas voltadas para baixo. As extremidades dos dedos estão voltadas para medial. Há um movimento simultâneo das mãos, com deslocamento para posterior, tocando o tórax de maneira repetida. Prototipicamente, este sinal é um verbo que se refere a fazer sexo.

O sinal gíria, ilustrado a seguir, cujo significado é solteiro, parece seguir o mesmo princípio e ilustra a lexicalização da ação de atirar com uma arma.

Fig. 7: Sinal-Gíria oriundo da ação de um referente



Fonte: Elaboração própria

O sinal acima é bimanual, simétrico e possui configuração de mão com os dedos indicador e polegar estendidos e os demais fletidos. As palmas das mãos estão voltadas para medial. As mãos fazem um movimento simultâneo a simular o movimento de uma arma de grande calibre, ao atirar, com um movimento abrupto para traz e para frente. A disposição da face assume uma configuração de forma a simular o barulho de uma arma disparando. O significado deste sinal é solteiro e remete a uma comemoração (por ser/estar solteiro), dando tiros de armas para o alto.

A mimese do estado do referente também pode ser uma estratégia para a criação de gírias, na análise de nosso corpus. Carneiro e Oliveira (2017) estabelecem que a incorporação de referentes, como parte do Espaço Sub-rogado, também permite a concepção do estado de participantes, durante a codificação de ações na libras. A Figura 8, a seguir, ilustra uma gíria que parece surgir desse processo, cujo significado é ser bobo.

Fig. 8: Gíria oriunda da mimese do estado de um referente



Fonte: Elaboração própria

A gíria acima parece ser um sinal semi-lexical, que representa o estado de um participante. As mãos estão abertas, os dedos estão abduzidos e relaxados, as palmas das mãos estão voltadas para trás e ponta dos dedos estão direcionados para baixo. O sinalizante mimetiza o estado de ser bobo. A partir

das mãos configuradas dessa maneira, o sinalizante faz movimentos de abdução e adução de ombros. Há um componente não manual: a língua está em protrusão.

Uma outra possibilidade de lexicalização são os sinais provenientes de construções de movimento e localização, as quais remetem iconicamente à concepção dos falantes sobre a posição e movimento de referentes no mundo. Neste caso, as mãos são posicionadas dentro de uma concepção mapeada no espaço físico imediato (LIDDELL, 2003, ZESHAN, 2003b). Nos dados analisados, não há gírias provenientes dessa estratégia.

Outro processo de criação de gírias envolve a alteração de unidades sub-lexicais. Nesse caso, os parâmetros são vistos como fonomorfemas. Nas gírias, a alteração da configuração de mão está relacionada ao efeito de intensidade, a alteração da orientação da palma está relacionada à ironia e a alteração do ponto de articulação é uma estratégia de evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais.

De acordo com Faria-Nascimento (2013), na libras, a mudança de um dos parâmetros pode acrescentar um novo significado ao sinal. Neste caso, o parâmetro pode ser visto como um morfema, ou ainda, como uma unidade fonomorfológica. Ainda segundo a autora, um parâmetro, grande parte das vezes, além do traço distintivo, traz em si um significado que é acrescido à unidade lexical. Mais uma vez, isso nos leva a caracterizar os parâmetros como unidades fonomorfológicas, em vez de unidades apenas fonológicas ou apenas morfológicas.

Nos sinais-gírias analisados, observamos alteração da configuração de mão para indicar intensidade. O sinal SEXO é realizado com a configuração de mão em “X”, em que apenas o sinal indicador está em garra, enquanto os demais dedos estão fletidos (fechados). A gíria que significa sexo intenso, ilustrada a seguir, é oriunda de SEXO. Neste caso, todos os dedos estão em garra, demonstrando intensidade.

Fig. 9: Gíria oriunda da alteração de configuração de mão



Fonte: Elaboração própria

A gíria acima é bimanual e com movimento alternado. As mãos estão em garra, com as palmas da mãos voltadas para trás. Há um movimento alterando para cima e para baixo e um contato descontínuo de esfregar entre a região lateral do dedo mínimo de uma das mãos com a região lateral do dedo indicador da outra mão. O sinal que originou esta gíria é SEXO, a partir de uma alteração da configuração de mão. O significado deste sinal é sexo forte e intenso.

Observamos alteração da orientação da palma para indicar ironia. O sinal LEGAL em libras é realizado com a configuração de mão em quatro, palma da mão voltada para frente, com um movimento de roçar da lateral do dedo indicador na região da bochecha, de maneira repetida. A gíria que indica uma ironia, relacionada ao conceito de legal, é realizada com a mesma configuração de mão, mesmo movimento e ponto de articulação, porém com a palma da mão voltada para trás. Essa mudança na orientação da palma indica ironia.

Fig. 10 – Sinal-Gíria oriundo da alteração de orientação da palma



Fonte: Elaboração própria

A gíria acima é monomanual, em que a mão está configurada no numeral quatro. A palma da mão está voltada para trás e o dedo mínimo faz contato de roçar com a bochecha, através de um movimento posterior da mão. O sinal que originou esta gíria é LEGAL, a partir da alteração da orientação da palma.

Por fim, nas gírias analisadas, observamos alteração do ponto de articulação de sinais para evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais. Os sinais FALAR e EXEMPLO, na libras, são realizados na região da boca. Há duas gírias que são oriundas destes sinais, cujo ponto de articulação é modificado da boca para a mão não dominante. A intenção dos usuários é apagar qualquer menção à boca, ou seja, à modalidade oral-auditiva, de maneira a evidenciar a modalidade gestual-visual. As figuras, a seguir, ilustram as gírias oriundas de FALAR e de EXEMPLO, respectivamente.

Fig. 11: Sinal-Gíria oriundo da alteração do ponto de articulação



Fonte: Elaboração própria

Nesta gíria, a mão não dominante está aberta, dedos estendidos e abduzidos, e serve como ponto de articulação. A mão dominante está configurada em “P” e está posicionada à frente da mão não dominante, porém sem contato. Há um movimento repetido e circular, no plano sagital. O sinal que originou esta gíria é FALAR, a partir da alteração do ponto de articulação.

Fig. 12: Sinal-Gíria oriundo da alteração do ponto de articulação.



Fonte: Elaboração própria

Nesta gíria, a mão não dominante também está aberta, dedos estendidos e abduzidos e serve como ponto de articulação. A mão dominante está configurada em “Y” e há um contato do polegar da mão dominante na região dorsal da mão não dominante, com um movimento repetido de esfregar, nesta região de contato. O sinal que originou esta gíria é EXEMPLO, a partir da alteração do ponto de articulação.

6. Algumas considerações

Este artigo é oriundo de um estudo qualitativo, de cunho etnográfico, que faz um levantamento de gírias utilizadas em um grupo de surdos e descreve o processo de criação destes sinais e seus contextos de uso. Para isso, foi realizado um trabalho de campo, através de observação-participante e entrevistas individuais com os sujeitos do grupo. Especificamente, nesta pesquisa, analisamos a troca

de vídeos em libras na rede social *WhatsApp*.

As informações sobre a interação neste grupo de surdos, via *WhatsApp*, evidencia a busca por espaços onde os sujeitos do grupo possam produzir artefatos culturais. Este espaço, em específico, permite a emergência de um território de resistências, alicerçado na diferença surda e na língua de sinais. A emergência e o uso de gírias de grupo evidencia relações sutis de poder, entre surdos e ouvintes, e de luta pelo direito de ser surdo em sua diferença. As gírias também evidenciam o sentido de proteção em relação às experiências negativas diante do ouvintismo e da língua oral (língua portuguesa).

A pesquisa também sugere que há uma tensão entre o universo cultural surdo e o universo cultural ouvinte. Os surdos do grupo defendem que a cultura surda se constitui independente da cultura ouvinte e da língua oral (língua portuguesa). Pessoas ouvintes, por exemplo, são proibidas de ingressar no grupo. Essa é uma regra que todos os entrevistados compartilham e defendem.

As gírias catalogadas durante a pesquisa se caracterizam como vocabulário de grupo, pois funcionam como um mecanismo em que o grupo expressa suas posições através de humor, ironia e agressividade, o que foi observado no *corpus* coletado. Identificou-se, ainda, a existência de uma noção de sigilo e proteção diante de outros surdos.

As gírias analisadas foram categorizadas em: (i) sinais inéditos, criados pelo grupo, (ii) sinais oriundos de alteração da configuração de mão, para um efeito de intensidade, (iii) sinais oriundos de alteração da orientação da palma, para efeito de ironia, e (iv) sinais oriundos de alteração do ponto de articulação, para evidenciar a modalidade gestual-visual.

O processo de criação dos sinais-gírias, no caso dos sinais inéditos, envolve a lexicalização de ações gestuais, originando sinais altamente icônicos. Outro processo de criação dos sinais gírias envolvem a alteração de unidades sub-lexicais. Neste caso, os parâmetros são vistos como fonomorfemas. A alteração da configuração de mão está relacionada ao efeito de intensidade, a alteração da orientação da palma está relacionada à ironia e a alteração do ponto de articulação à estratégia de evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais.

Este trabalho contribui para elucidar as relações entre língua, cultura e identidades dos surdos. A libras, enquanto língua natural, apresenta diferentes níveis de registro e evidencia, principalmente no léxico, aspectos socioculturais dos surdos. Ressaltamos a necessidade de mais estudos sobre gírias em libras, oriundas de comunidades surdas brasileiras, para favorecer a implementação de políticas linguísticas envolvendo as línguas de sinais.

REFERÊNCIAS

- CAPOVILLA, Fernando César; et al. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*, Volume 1 e 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: Cnpq: Capes, 2009.
- CARNEIRO, Bruno Goncalves; OLIVEIRA, Christiane Cunha de. O evento e o estado dos participantes na língua brasileira de sinais. *Revista Via Litterae*. Anápolis, v. 9, n. 1, p. 41-58. Jan./jun. 2017.
- CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002. 1 DVD (130 min.)
- CORINGA. Direção de Todd Phillips. Nova Iorque: Village Roadshow Pictures; DC Films; Sikelia Productions; Joint Effort Productions; Green Hat Films, 2019. (122min.)
- DURANTI, Alessandro. *Linguistic Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 1997.
- FARIA-NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. *Estudos da língua brasileira de sinais I*. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 79-113.
- JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. On defining lexeme in a signed language. *Sign Language & Linguistics*, [s.l.], v. 7, n. 1, p.115-185, 1999.
- LIDDELL, Scott. *Grammar, gesture and meaning in American sign language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MURATA, Elza Kioko Nakayama Nenoki. Gíria: vocabulário de identificação e autodefesa. *Revista Temática*, 2008. Disponível em www.insite.pro/2016/16.pdf. Acesso em 05 de maio de 2019.
- FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, Ronice; STUMPF, Marianne; LEITE, Tarcício. (Orgs.). *Estudos da língua Brasileira de Sinais I*. Florianópolis: Editora Insular, 2013.
- PERLIN, Gladis. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos. (Org). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 51-74.

PERLIN, Gladis. Cultura e educação bilíngue no pulsar das Identidades surdas contemporâneas. In: ADREIS-WITKOSKI, Sílvia; FILIETAZ, Marta Rejane Proença (Orgs). *Educação de surdos em debate*. Curitiba: Editora da UTFPR, 2014. p. 223-232.

PERLIN, Gladis; QUADROS, Ronice Muller. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: QUADROS, Ronice Muller (Org). *Estudos Surdos I: Série de pesquisas*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 166-185.

QUADROS, Ronice Muller; SUTTON-SPENCE, Rachel. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: QUADROS, Ronice Muller. (Org.). *Estudos Surdos I: Série de pesquisas*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 110-165.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo. Edusp. 1984

PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo da Literatura Brasileira*. 9ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003

PRETI, Dino. Transformações do fenômeno sociolinguístico da gíria. *Revista da Anpoll*, n.9, p. 213-226, jul./dez., 2000a.

PRETI, Dino. Dicionário de Gíria. *Alfa*, n. 44, p. 57-73, 2000b.

PRETI, Dino. O léxico na Linguagem Popular: A gíria. *Revista Matrizes*, 2013.

RECTOR, Mônica. *A Linguagem da juventude: uma pesquisa geo-sociolinguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

SILVA, Isaack Saymon Alves Feitosa. *Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB): Processo e Interpretação*. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

STROBEL, K. L. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ZESHAN, Ulrike. Towards a notion of ‘word’ in sign languages. In: DIXON, Ronald F.; AIKHENVALD, Alexandra Y. *Word: A cross-linguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003a. Cap. 6. p. 153-179.

ZESHAN, Ulrike. ‘Classificatory constructions in Indo-Pakistani sign language: Grammaticalization and lexicalization processes. In: EMMOREY, Karen. (Ed.). *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003b. Cap. 6. p. 113-141.